

O perfil da Constituinte

Fala-se que a futura Constituinte será conservadora. Os senhores concordam com essa afirmativa?

José Sampaio — Eu tenho a impressão de que a Constituinte será, até, reacionária aos interesses da classe trabalhadora. E isto nos preocupa muito, porque serão elaboradas as leis que vão nos reger, além de existir uma questão que levamos muito a sério: a lei de greve. São questões palpantes, para as quais gostaríamos de contar com companheiros que compreendam a necessidade de a classe ter autonomia e liberdade sindical para negociar sem a intervenção do Estado. Essas são questões muito importantes, e nós temos convicção de que com a bancada conservadora, empresarial, que vai tomar conta do Congresso as coisas não serão fáceis, pois os representantes dos empresários fecham, logicamente, com as propostas ideológicas do patronato. Assim, vemos com muita preocupação a questão dos nossos representantes, ou seja: trabalhadores comprometidos com os interesses da classe trabalhadora.

Maria José — Eu diria que num país como o nosso, em que você não tem o "exercício da democracia", e onde o processo eleitoral está totalmente

dirigido para a manutenção do poder econômico, dificilmente teríamos condições de estar apresentando e elegendo representantes das classes trabalhadoras. A gente dispõe, até, de exemplos. Outro dia eu assisti uma entrevista do Fidel Castro, e perguntaram a ele porque em Cuba não se faziam eleições. E ele deu uma explicação muito lógica, ao dizer que "eleições onde o processo eleitoral pode ser corrompido pelo poder econômico não podem ser eleições livres nem democráticas".

E é isso o que a gente está assistindo. Não a nível de Brasília, mas a nível nacional. Diante desse panorama, se a classe trabalhadora não se organizar, ela muito pouco vai fazer. E isto ficou claro nas eleições passadas, em que nós tivemos candidatos vinculados com movimento sindical, como o Lula, que era o grande líder daquele momento, e não conseguiu ser eleito. Então diante disto, eu acredito que se não começarmos pela base, a interferência do movimento sindical no processo eleitoral brasileiro continuará sendo muito pequena, limitando-se a fazer o que estamos tentando fazer: uma lista de candidatos comprometidos. Independente desses fatos, eu acredito que a Consti-

tuinte que vem aí será extremamente conservadora. Será uma Constituinte em que vamos ter o setor empresarial muito bem representado e legislando em causa própria. Não vamos ter grandes modificações, e claro exemplo disto é a lei de greve, que até hoje não avançou em praticamente nada. Vamos ter, por exemplo, uma lei de greve antiquada, possivelmente pior do que a atual.

Carlos Max — Fatalmente a Constituinte será conservadora. Os trabalhadores, se não tiverem poder de pressão durante a Constituinte, provavelmente terão que se dar por satisfeitos se as leis que estão aí não se tornarem ainda mais conservadoras contra os próprios trabalhadores. A CLT que está em vigor dificilmente será alterada e modernizada nos seus tópicos principais.

Mas assim como nós achamos que a Constituinte será conservadora, alguns empresários de São Paulo, cujo lobby na Constituinte será muito grande, acham que a bancada a ser eleita será muito progressista.

Acontece que os parâmetros são diferentes. Para nós a Constituinte, será de direita ou conservadora. Para eles, será à esquerda. E esta crença está fazendo com que os empresá-

rios deixem de investir porque eles acham que só depois que a nova Constituinte definir as regras do jogo sobre capital estrangeiro e sobre remessa de lucros é que terão tranquilidade para investir aqui. Se eles acham que essa Constituinte não será conservadora, que poderá afetar os seus interesses, então imagine-se para nós, trabalhadores, que não teremos participação ativa na Constituinte. Eu, particularmente, não acredito em mudanças. Eu temo que as mudanças serão para pior, no caso das leis trabalhistas.

Lúcia Carvalho — Para mim, a Constituinte, como um todo, será conservadora, de direita, a ponto de piorar alguns direitos hoje estabelecidos na Constituição e que não serão cumpridos. Por isto, eu acho que a Constituição não é fundamental sob o ponto de vista de existirem leis, mas é urgente os trabalhadores mobilizarem-se para fazer com que os sindicatos representem de fato os direitos da classe trabalhadora.

Em Brasília, as nossas próximas campanhas salariais deveriam ser conjuntas, porque as categorias isoladamente não vão conseguir. Essa nova Constituição vai evidenciar que leis não bastam para implantar uma democracia. Para is o, fun-

damental é a luta dos trabalhadores dentro de seus sindicatos, dentro de suas associações de moradores, dentro de suas entidades. Eu não estou exultante com a Constituinte. Acredito, sim, no trabalho que é realizado junto aos trabalhadores. E mais: acredito que a única saída nossa é a união do movimento sindical, pois só m a classe vai conseguir fazer valer as leis favoráveis aos trabalhadores que virão. As eleições são apenas um passo na vida política. Elas não têm o poder de resolver os problemas da classe trabalhadora.

Maria José — Ainda que o Congresso Constituinte venha a ser conservador — e a gente não pode fugir dessa realidade — nós, enquanto trabalhadores, enquanto entidades sindicais, temos que nos manter mobilizados.

A luta vai entrar em nova etapa, e nós não podemos cruzar os braços caso não coloquemos na Constituinte um número significativo de representantes dos trabalhadores.

A partir daí, a classe trabalhadora como um todo terá que fazer uma pressão muito grande juntamente com o DIAP, que já vem fazendo o lobby dos trabalhadores dentro do Congresso.